

Queda do 6º para o 42º lugar

Regina Perez

Amarrada à perda da capacidade de investimento do setor público, à falta de segurança do setor privado nas tomadas de decisões e, conseqüentemente, sem um programa de longo prazo que permita um crescimento sustentável, a economia brasileira corre sérios riscos de deterioração. Um processo que, se tiver continuidade, acabará encontrando paralelo na vizinha Argentina — que no início do século chegou a ostentar o título de “Europa da América do Sul” e um PIB que lhe garantia o sexto lugar no ranking mundial. Hoje, a Argentina amarga uma economia estagnada, tem uma indústria obsoleta, uma agricultura decadente e se contenta com a 42ª colocação em âmbito mundial.

O Brasil, a oitava economia do mundo, trilhou na história um caminho bem diferente da Argentina. Desde o início dos anos 30, optou por uma política industrial de substituição de importações, enquanto a Argentina manteve uma economia eminentemente agrícola voltada para a exportação.

No Brasil, o Estado — independente do contexto político, passando por Vargas, Juscelino e até Geisel — conseguiu impulsionar um projeto de desenvolvimento industrial que o economista Marcelo de Paiva Abreu, do departamento de Economia da PUC, classifica de “coerente”.

Na Argentina, a elite agropecuária reagiu contra o processo de industrialização e o fraco empresariado industrial sempre se sentiu mais atraído pelos lucros obtidos no mercado financeiro do que pelo aumento de sua produtividade.



Barros de Castro

O Brasil, depois de vários surtos desenvolvimentistas que lhe permitiram o surgimento de um parque industrial de porte mundial, passa por um período que o economista Antonio

Barros Castro, da UFRJ, interpreta como de “mudança comportamental”.

— A diferença entre os empresários brasileiros e argentinos é de que os primeiros sempre responderam ao aumento de demanda com incremento da produção. Os argentinos a cada surto de demanda optavam por aumentar preços, auferindo lucros, sem modificar sua estrutura produtiva, assinala Barros Castro.

Nos últimos anos e especialmente durante os períodos de aceleração inflacionária, o empresariado brasileiro começou a adotar uma prática comum e generalizada entre o empresariado argentino. Ao invés de inverter seus ganhos no aumento da produtividade, passou a auferir os lucros seguros e fáceis do mercado financeiro.

O economista argentino Jorge Fodor, ao analisar a política industrial de seu país, chama a atenção para o impacto do ciclo inflacionário nesse processo. O principal deles, segundo Fodor “foi a concentração dos problemas no curto prazo. Para muitas empresas a questão era evitar a quebra. Com mudanças violentas e completamente imprevisíveis, submeter-se a uma política de longo prazo mais parece a prática da virtude evangélica da esperança do que uma vital necessidade empresarial”.

Taxas oscilantes — Esses não foram os únicos fatores que levaram a Argentina à total estagnação. Há pelo menos duas décadas a Argentina apresenta taxas de crescimento oscilantes. Nos anos em que o aumento do PIB foi positivo, a taxa média ficou entre 3% e 4%, nível compatível com economias bastante desenvolvidas e de conseqüências desastrosas para países carentes de desenvolvimento.

A dívida externa da Argentina, proporcionalmente maior que a brasileira, serviu apenas para favorecer uma elite, financiando contas em dólares no exterior, lembra Marcelo Paiva de Abreu. No Brasil, a dívida externa também assumiu proporções incontornáveis, mas com duas diferenças básicas.

Ao contrário da Argentina, o Brasil tem uma ampla pauta de exportações obtendo o suficiente para gerar elevados superávits comerciais. E, embora a dívida brasileira tenha sido